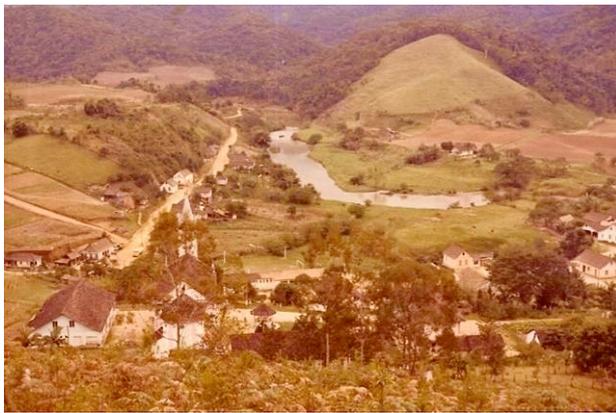


Cap. 13 – ÂNGELO TIRLONI

Não existe nenhuma notícia sobre ele. O único evento que a tradição familiar transmite sobre a sua breve passagem por este mundo é, por infelicidade, ligado à sua morte prematura. A respeito deste relato, sinto-me no dever de agradecer ao meu avô Giuseppe (*Peppino*) Tirloni que, quando eu era criança, me contava – como se fosse uma história, para não me impressionar muito – a triste sorte deste infeliz e quase completamente esquecido tio.

13.1-Infância

Ângelo nasceu em Porto Fraanco (hoje Botuverà) no dia **13 de Novembro 1896** na casa da família, situada na margem direita do rio Itajaí-Mirim.



Porto Franco: visão da vila e especialmente da casa Tirloni (fotografias – anos 60 e ano 2009)

Ele è o décimo primeiro filho – o penúltimo – de Alessandro e Elisabetta, e no momento de seu nascimento seus pais teriam 44 e 40 anos. Ele tinha cerca de 3 anos quando nasceu sua irmã mais nova, Antonia, e tinha um pouco menos de 5 anos quando sua irmã mais velha, Joana, se casou, e era um ano mais velho quando se tornou tio pela primeira vez.

No momento de seu nascimento, a pequena vila de Porto Franco já tinha 20 anos e, certamente, parecia já bem organizada e com uma infra-estrutura não mais desorganizada ou improvisada. Certamente a família já estava perfeitamente organizada, e todas as atividades comerciais do pai Alessandro estavam totalmente encaminhadas e geridas pelos vários membros da família de Ângelo.

Viene battezzato il giorno 17 Gennaio dell'anno successivo nella cappella di Porto Franco dedicata a Sao Josè e gli fanno da padrini i signori Giacinto Lira ed Angela Cattaneo.

25. Aos dezasete de Janeiro de mil eitocentos e noventa e sete na capella em Porto Franco e P.^{mo} P. Manardi S. J. baptizou ao innocente Angelo nascido aos treze de Novembro de mil eitocentos noventa e seis, filho legitimo de Alexander Tirloni e Elisabetha Colombi. Foram padrinhos Giacinto Lusa e Angela Cattaneo. O cura P. Antonio Lising.

Atto di battesimo di Angelo Tirloni (fotografia - anno 2012)

Provavelmente durante a sua infância eram seus companheiros de brinquedos: o seu irmão Eliseo (um ano mais velho) e provavelmente a irmã Francesca, dois anos mais velha do que ele. Mas tendo em conta a realidade e a família em que Ângelo veio ao mundo, por certo o tempo dos brinquedos e das peraltices era apenas um pouco mais do que um conceito abstrato e pura fantasia. No entanto, a sua infância foi mais bonita e menos complicada em comparação com aquela que viveram todos os seus irmãos e irmãs maiores. Talvez tenha chegado a receber uma atenção particular e um controle por parte dos pais e de toda aquela turma de irmãos e irmãs. A única coisa certa é que, também ele, como todos os seus familiares, e como todos os habitantes de Porto Franco, precisava cuidar-se para sobreviver às várias armadilhas da natureza selvagem que rodeava a aldeia em que vivia.

Via a casa cercada por espelhos para evitar o desagradável encontro com as cobras. Via o pai ajudado pelos irmãos mais velhos passarem o dia cortando árvores para as serrarias, e depois, à noite, montarem guarda para se defenderem dos assaltos dos Bugres. Observava e provavelmente ajudava sua mãe e suas irmãs ocupadas por detrás do balcão do empório, ou a receber, dar comida e abrigo aos vários trabalhadores dependentes de seu pai, ou a receber outros viajantes. Em suma: se ele não participava diretamente de todos esses dias arriscados e trabalhosos, certamente era um espectador não totalmente passivo desta movimentada e laboriosa vida de interior posta em movimento e guiada pela enérgica e decidida mão firme do pai, já não tão jovem!

Quem sabe se também ele precisou enfrentar os confrontos contra os nativos Bugres! Quem sabe o que ele pensou sobre esses confrontos sangrentos com os selvagem! E quem sabe como ele era considerado no seio da família!... Infelizmente, nós nunca saberemos!

13.2- Adolescência

Infelizmente, não sabemos quase nada a seu respeito. Sobre sua vida não temos nenhuma notícia, e nós não sabemos nada sobre suas características físicas. Não há nenhuma fotografia dele. (Ele é o único dos doze irmãos Tirloni de quem não existe nem mesmo uma fotografia, ou talvez porque não tenha chegado até nós.) A seu respeito não chegou aos nossos dias nem sequer uma superficial descrição física. Não sabemos, portanto, se ele era semelhante a algum dos seus irmãos, ou se talvez tivesse algum traço particular semelhante a seus pais. Não temos nem sequer alguma idéia sobre qual teria sido sua função no seio da família.

Não sabemos se Ângelo, apesar de ser apenas um pouco mais do que uma criança, teria sido chamado por seu pai para trabalhar nas serrarias – com todos os riscos que isso envolvia – ou, talvez, como nos últimos anos de permanência no Brasil a família começava a gozar de alguma tranquilidade, Ângelo tenha sido mantido junto de sua mãe e das irmãs nos trabalhos do empório.

Certamente ele nunca frequentou a escola (sorte dada apenas ao irmão Vittorio) mas talvez teria pelo menos aprendido a ler, escrever e fazer contas, como vários de seus irmãos. Com certeza fica excluída a possibilidade de ele ter seguido uma vocação religiosa, entrando num Seminário, pois se assim fosse, não haveria razão para embarcar para a Itália com sua família, mas poderia permanecer no Brasil para concluir seus estudos e fazer os votos.

Sua vida se desenvolveu, portanto, numa pequena realidade do interior, na qual prevalecia a figura do já idoso pai Alessandro, o qual comandava a todos com um punho de ferro, e exigia de todos uma indiscutível obediência. Ângelo precisou relacionar-se sempre com esta figura de um homem que não era avesso a matar os selvagem, e que até mesmo, cego pela raiva, não pensou duas vezes para matar uma pessoa de cor negra, descoberta a roubar em seu empório. Sendo apenas um pouco mais do que uma criança, quem sabe como ele julgava os gestos exagerados e muitas vezes além dos limites da decência, desse pai que, por causa de sua maneira de agir absolutamente fora da lei, foi posto em apuros pelos representantes do Estado, e foi intimado à lei do “ou ou”, (ou se adaptaria à lei, ou seria obrigado a uma repatriação forçada para a Itália)...

Como já foi escrito acima, não sabemos exatamente como as coisas andaram na casa Tirloni durante os anos entre 1908 e 1909. Por isso não podemos dizer exatamente como o jovem Ângelo ouviu a notícia de que iria transferir-se para a Itália, juntamente com os pais. Certamente esta notícia o teria deixado chocado porque representava uma aventura acima de suas habilidades intuitivas: o que significava "emigrar"? O que significava ir para uma outra terra?

Quem sabe o que poderia ter pensado quando ele viu seu pai e seu irmão mais velho, João, (que devido à grande diferença de idade o teria visto mais como um se-

gundo pai do que como um irmão) partir de Porto Franco e ficarem afastados por meses...

A diferença entre o jovem Ângelo que se preparava para atravessar o oceano e o pai Alessandro (que quando jovem havia enfrentado sua primeira viagem) foi que Ângelo sabia o que significava fazer uma travessia oceânica de navio, pois certamente tinha ouvido muitas vezes as histórias dos antigos pioneiros da Porto Franco. E nessas histórias chegadas até nós, nunca foram escondidas as dificuldades que encontraram esses pobres desesperadas que fugiam de sua terra natal por causa da fome. Por certo, Ângelo ouvira dizer que a viagem seria diferente, porque não viajariam mais na condição de pobres emigrantes, mas de ricos... Mas o que significava "viajar bem"? Ninguém podia dizê-lo com certeza, porque ninguém nunca tinha experimentado o que significava viajar na primeira ou na segunda classe!

Certamente o retorno do pai Alessandro e de seu irmão João criou um espaço para contar o que havia significado fazer uma viagem na terceira classe. É preciso dizer que quando pai e filho retornaram a Porto Franco, a atmosfera não era das mais tranquilas, porque em Covo, no pátio da fazenda Battagliona, João tinha comunicado ao pai a sua firme decisão de não segui-lo para a Itália. E agora que estavam novamente todos juntos na família, João precisava dar explicações também à mãe Elizabeth e aos vários irmãos e irmãs, e isso mais uma vez teria provocado discussões por certo nada tranquilas com seu pai, Alessandro. Pelo menos, do ponto de vista organizacional, todos teriam sido encorajados pelo fato de que agora a viagem seria totalmente diferente das histórias que tinham ouvido muitas vezes.

Provavelmente Ângelo, neste momento, ter-se-ia envolvido pela ideia de enfrentar esta aventura. Provavelmente viveu aqueles últimos momentos que o separavam da grande viagem, com ansiosa expectativa, ou talvez, pelo contrário, a ideia de ter que abandonar seu mundo parecia uma tremenda punição, teria sofrido muito, e talvez até mesmo teria chorado. Certamente, nem ele e nem qualquer outro familiar poderia imaginar o que teria sido para o jovem subir a bordo desse navio!

Depois de ter organizado todas as pendências e encaminhado todos os negócios, bem como a venda e a cessão das muitas propriedades do pai Alessandro, chegou para a família o dia da definitiva partida. Ângelo saiu pela última vez da grande casa da família e olhava pela última vez o seu pequeno mundo e o seu povo, porque certamente muitos tinham vindo para saudar a família Tirloni que voltava para a Itália.

Ângelo se despediu do seu irmão João que, certamente, para ele teria sido um exemplo a seguir em seu crescimento. Saudou as irmãs mais velhas, já casadas há anos, e que agora eram mães, rodeadas por seus sobrinhos. Por maior que fosse o seu afeto para com elas, pode-se pensar que - por causa da grande diferença de idade, e pelo fato de que elas eram casadas há mais tempo e tinham vivido fora de casa - as considerasse mais como tias jovens do que como irmãs. Talvez, na despedida dos pequenos sobrinhos, ter-se-ia sentido mais próximo, pois certamente com eles teria brincado de se fazer o "grande" e, portanto, pode-se imaginar que lhe desagradou muito ter que deixá-los.

Com certeza deve ter sofrido muito ao abandonar os seus amigos de Porto Franco, e algumas outras pessoas da vila a quem estivesse mais ligado, ou a algum parente a quem fosse mais afeiçoado. (Irmãos da mãe Elizabetta, e talvez até mesmo do pai Alessandro. Sempre admitindo que eles vivessem em Porto Franco). Como foi dito, não sabemos se os pais de Elizabetta, avós maternos de Ângelo, ainda estavam vivos, e não sabemos se eles permaneceram no Brasil ou se voltaram para a Itália junto com eles. Mas de qualquer maneira, o jovem Ângelo sabia - como todos - que aquela despedida que estava fazendo a seu povo era uma saudação para sempre. Ele sabia muito bem que nunca mais haveria de ver ninguém desses que ficavam. Com certeza, também ele foi tomado pelas emoções!

Chegou o momento da definitiva despedida, e enquanto todos aqueles que tinham vindo para dar o último adeus permaneciam parados, o grupo de nove pessoas virava as costas a Porto Franco, para ir para a Itália. Pouco a pouco as suas figuras desapareciam para sempre. Também para Ângelo que talvez se voltava para trás para olhar pela última vez, os rostos dos amigos e dos familiares tornavam-se menores, até desaparecerem. E à medida que prosseguiam, também a pequena vila de Porto Franco e os cumes das colinas, a eles tão familiares, iam sendo engolidos pela densa vegetação.

Enquanto o navio soltava as amarrações e zarpava na direção da Itália, podemos imaginar que também ele, como o resto da família, estava no convés do navio com vestes bonitas e com o rosto sério, saudando pela última vez essa parte do mundo que na verdade lhes deu tanto, e ver a terra firme desaparecer, e dizendo dentro de si: "Adeus Brasil"!

A experiência da viagem por navio certamente deve ter sido emocionante para todos, especialmente para as crianças. Agora todos podiam entender as diferenças

entre as histórias que os velhos emigrantes contavam sobre as condições péssimas de suas viagens, e as belezas que os mesmos navios podiam oferecer às pessoas mais ricas e bem sucedidas.

As condições eram muito melhores e podia-se descansar ou explorar tanto quanto possível, estas máquinas nunca antes vistas, chamadas navios! Pode ser que, alguma dia, adversas condições do mar tenham feito as crianças passarem por momentos de medo, mas uma vez passadas as tempestades, tudo voltava a ser uma novidade fascinante. Podemos imaginar o jovem Ângelo que, intrigado, mas também às vezes intimidado por estes monstros de metal que cruzam o mar, vagueava pelo navio com o nariz levantado para aproveitar de cada detalhe da nave, ou talvez agarado a alguma coluneta do navio, fixava seu olhar na infinitude do mar. Tudo era para ele como um novo mundo inimaginável!

Infelizmente um acontecimento adverso se lançou contra Ângelo, que estava destinado a nunca ver o final desta longa viagem por mar. Mesmo que não se viaje mais como emigrantes em condições extremas, um navio é sempre um ambiente muito restrito, e os riscos estão sempre à espreita. Se ocorre uma epidemia, todos os viajantes, incluindo os de primeira classe, estão em perigo!

Infelizmente não sabemos exatamente o que aconteceu. Não sabemos, por exemplo, se Ângelo era de uma constituição frágil, ou se subiu a bordo do navio em saúde plena, e apenas foi muito infeliz. O fato é que durante a travessia, o jovem garoto começou a ficar doente...

Talvez pode ter ocorrido a bordo uma epidemia que, por sorte, poupou milagrosamente o resto da família. Mas parece estranho, porque se isto tivesse ocorrido, teria sido relatado no restrito conto que chegou até nós. É mais provável que Ângelo tivesse sido vítima de uma doença isolada que atingiu apenas a ele – talvez uma bonquite– que depois se agravou.

De nada valeram os poucos cuidados que o médico de bordo prestou ao jovem tio Ângelo, e em pouco tempo o rapaz fechou para sempre os seus jovens olhos. O caminho terreno de Ângelo terminou em um dia de **julho de 1909**. Ele tinha apenas 13 anos.

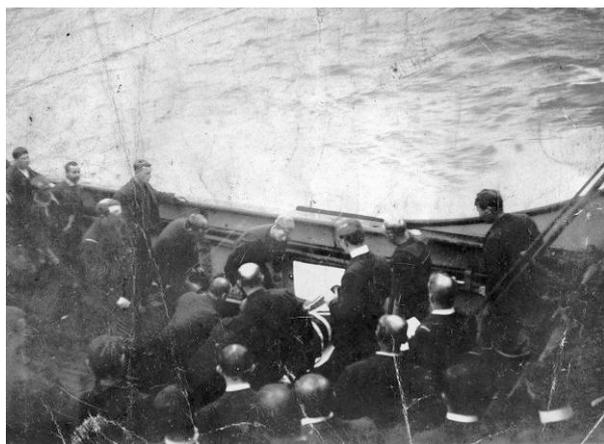
Podemos bem imaginar o desânimo e o desespero que tomou conta de toda a família, neste momento... De Ângelo não temos qualquer fotografia ou documentos, e a seu respeito não sabemos quase nada. Não sabemos sequer a sua idade exata. Ele é mencionado nas crônicas da família exclusivamente por causa desta história, mas é triste pensar que o jovem foi um sobrevivente das armadilhas da natureza selvagem de Porto Franco, e acabou morrendo por "culpa" da vontade do pai de retornar para a Itália.

Infelizmente, à desgraça se uniu a má sorte. Naqueles tempos os navios não eram equipados com frigoríficos, e por certo não havia sequer fêretros para transpor-

tar um cadáver até a Itália. Tendo em conta o fato de que a viagem por mar durava mais de um mês, havia problemas não pequenos de higiene para transportar restos mortais, especialmente se a morte do infeliz acontecia como resultado de doenças contagiosas.

Infelizmente, também os ricos deviam contar com a lei impiedosa do mar que privava a família até mesmo de um túmulo sobre o qual se pudesse chorar. O corpo foi colocado em um saco branco, no qual foi colocado um peso para arrastar o cadáver para o fundo, e provavelmente foi coberto pela bandeira nacional. O funeral do jovem foi celebrado no convés do navio, realizado por um alto oficial, ou mesmo pelo próprio comandante, após o qual os restos mortais de Ângelo foram confiados ao mar.





Funerale in mare (fotografie - anno 1911)

A última imagem dele que possuíam os atordoados familiares era o saco branco que desapareceu na água, envolto pela macabra dança dos grandes peixes, até agora desconhecidos (talvez tenham sido os tubarões). E sobre a nave desceu um sombrio silêncio, quebrado apenas pelo pranto dos parentes.

Recentemente houve uma versão diferente para esta morte, que se por uma primeira análise pode parecer estranha e pouco confiável, é ao contrário muito possível, quando se considera a ousadia e a determinação de um personagem como Alessandro. A história, também essa transmitida pela tia Giuseppina Martinelli, afirma que a morte de Ângelo provavelmente tenha acontecido quando o navio já estava no mar Mediterrâneo e, portanto, durante os últimos dias de navegação. E para evitar incorrer no direito do mar e fazer o funeral típico descrito acima, a família teria decidido manter silêncio e ocultar o cadáver.

A morte teria sido comunicada somente no momento em que o navio havia chegado em Gênova e, em seguida, o corpo teria sido levado para a terra e, após as exéquias, teria sido enterrado em um cemitério de Génova!

Se esta segunda hipótese fosse verdadeira, significaria que Ângelo teria morrido sem os confortos religiosos que poderiam ter sido minis-trados por um padre que estivesse a bordo do navio. Mas é provável que não havia a presença de um padre, por não ser de praxe haver um em cada navio. O comandante então teria tido a oportunidade de conferir uma bênção para o morto. Obviamente, eu não estou absolutamente certo desta coisa, mas me parece estranho que a grande devoção católica daquele tempo não previsse algo bem preciso para casos semelhantes.

Sendo verdadeira esta segunda hipótese, haveria um cenário, a dizer pouco, absurdo e incrível, porque todos os membros da família deveriam por alguns dias fingir de terem preocupação pela saúde de Ângelo, enquanto, na realidade, ele estaria morto e eles só teriam querido chorar a sua tristeza. Realmente não consigo imaginar a cena de uma mãe constrangida para conter ao máximo possível as lágrimas e os soluços, para não despertar muitas suspeitas...

Parece incrível, mas a respeito de Ângelo existe somente este relato oral, e não se sabe nem sequer com exatidão quantos anos tinha. Seu nome não é lembrado em nenhuma lápide, nem mesmo na tumba da família no cemitério de Covo – e nem sequer alguma possível escrita chegou até aos nossos dias – e em nenhum registro comunal ou paroquial italiano está anotada a sua morte prematura. Talvez, em nível burocrático, num caso como este, teriam sido suficientes os registros navais. Infelizmente não sabemos o nome do navio que trouxe a família Tirloni para a Itália, mas mesmo que viéssemos a sabê-lo, um século passado desde aqueles fatos, lança tudo para sempre ao esquecimento.

A única memória feita de sua breve existência (além desta história) é o nome dele dado ao primeiro neto masculino, nascido na Itália, 4 anos após esta desgraça: Batista Ângelo Tirloni, filho de seu irmão, Emanuele.

Em nenhuma das cartas encontradas da antiga correspondência se fala sobre ele...

Esta realidade é realmente incrível, porque isto que para todos nós representa o início desta incrível aventura familiar que ainda nos une mesmo após de mais de um século, isto que para nós representa a razão que nos impele a contar a nossa história de ambos os lados do Oceano Atlântico, esta diáspora que para nós marcou o início da nossa história, tudo isto para o jovem Ângelo foi o fim. Se nós agora podemos nos orgulhar de como chegamos a manter esta unidade familiar, devemos sempre nos lembrar que houve um jovem, que no início de tudo, nos deu vida !!!